

BILL MUIR e ALEX KENDRICK

*Encontrá-lo
é somente
o início*

The poster features a central image of a young boy, Billy Stone, looking upwards with a determined expression. He is surrounded by a collage of scenes: a man in a white shirt, a woman, a man in a blue shirt, and a man in a dark vest performing a martial arts move. A large, glowing blue medallion with intricate carvings and a central gemstone is positioned in the foreground. The background shows a tropical setting with a waterfall, a thatched hut, and a body of water with a small boat. The overall color palette is warm, with yellows and oranges, transitioning to blues and greens.

O MEDALHÃO PERDIDO

As Aventuras de Billy Stone

O MEDALHÃO PERDIDO

As Aventuras de Billy Stone



Capítulo I

O lugar da escavação

Ilha Aumakua, hoje.

Os pneus de uma bicicleta azul bem velhinha derraparam na estrada empoeirada. Uma bota desgastada baixou o suporte, e Billy Stone, de 13 anos, desceu do selim. Ele vestia calça cargo desbotada, uma camiseta de manga curta e um colete caqui com bolsos, e seu cabelo preto estava molhado de suor. Com os olhos brilhando pela mistura da excitação e do medo pela descoberta, ele examinou com cuidado o arame farpado afiado da cerca que rodeava o lugar da escavação.

Usando sua mochila de couro surrada, Billy tirou um pedaço do arame. De olho nos guardas, ele escolheu uma das pontas e começou a tentar abrir o cadeado que trancava o portão principal.

Do lado de dentro da cerca, um empregado cansado e coberto de poeira estava bem no canto, seguindo em direção à entrada. Billy deslizou para o chão,

prendendo a respiração enquanto o funcionário aproximava-se, pronto para saltar e sair em disparada, se necessário. No entanto, o homem, ignorando completamente a presença de Billy, caminhou sem sequer notá-lo.

Dando um suspiro de alívio, o menino voltou à tranca. Como fez isso muitas outras vezes, o cadeado logo se abriu, emitindo um suave clique! Billy guardou o arame em sua mochila e atravessou o portão em silêncio, fechando-o logo atrás de si.

Meio curvado, Billy movia-se rapidamente de um esconderijo para outro, dobrando-se atrás das árvores e das barracas que foram armadas no local. Aos poucos, percorreu seu caminho até a grande tenda que era o quartel-general daquela escavação. Como não viu alguém por perto, abaixou-se e ligeiramente deslizou sob a parte inferior de uma das paredes de lona.

Do lado de dentro, os técnicos trabalhavam em mesas repletas de artigos eletrônicos, *laptops* e testadores de solo. Uma parede estava totalmente recoberta de mapas, com locais destacados por alfinetes marcadores e anotações rascunhadas. As outras paredes estavam alinhadas com os fichários e havia mais mesas carregadas de equipamentos para escavação. Mantendo-se agachado embaixo dos móveis, Billy movia-se pouco a pouco por

seu caminho em direção às ferramentas. Ao se aproximar, apanhou um pequeno *kit* de uma das mesas. Agora, tudo o que tinha de fazer era continuar quieto e sair sorratamente pelos cantos da tenda para escapar.

Porém, naquele momento, um dos homens borrifou uma recente descoberta com ar comprimido, criando uma nuvem de poeira no ar, que chegou até Billy. Apertando o nariz, o garoto tapou a boca e tentou abafar o espirro. Torcendo para que ninguém tivesse percebido, ele foi depressa para o fundo da barraca e saiu em silêncio. No instante em que estava do lado de fora, o espirro explodiu, alertando os empregados dentro da barraca.

No entanto, olhando ao redor, não o viram. Dando de ombros, voltaram ao trabalho.

O garoto havia se escondido atrás de um arbusto próximo. Parando para recuperar-se, avistou um homem com aparência envelhecida, obviamente o chefe da escavação, estudando o mapa com um dos pesquisadores. Billy sabia que não podia deixar que ele o visse, do contrário, teria sérios problemas.

Indo em direção contrária, o menino correu até chegar a um grande buraco com cerca de 9m² e 1m de profundidade. Ao cair nele, Billy, com cuidado, espalhou suas ferramentas, como faz um cirurgião, e pôs-se a trabalhar.

Após escolher, inicialmente, uma espátula pequena e pontiaguda, começou a cavar a terra fofa junto à parede do buraco. Ele não tinha cavocado muito quando encostou em algo sólido. Cautelosamente, retirando a poeira que envolvia a peça, puxou o objeto. Com uma escova macia, ele espanou as camadas de pó, revelando uma lança para pescar de 200 anos. Enquanto Billy estudava sua descoberta, uma sombra se formou sobre ele.

– Quero você fora daqui! – disse o homem da escavação furiosamente. – Quero que saia deste lugar agora!

Billy se levantou e encarou o homem.

– Deixe-me ajudá-lo. – suplicou.

– Você não pode ajudar. – disse o homem com uma ponta de tristeza na voz. – Você não faz parte deste lugar.

– Mas eu sou um arqueólogo. – insistiu Billy.

– Você tem 13 anos, e eu não tenho tempo para me preocupar com você.

– Por favor! – ele suplicou. – Eu... Eu posso limpar as ferramentas, fazer anotações, servir café... Cavar buracos.

O chefe balançou a cabeça.

– Você é jovem demais para esse tipo de trabalho.

– Você não costumava agir assim. – repreendeu Billy. – Vamos lá! Farei **qualquer** coisa que precisar.

– Promete? – disse o homem.

– Sim, prometo! – respondeu Billy, sentindo suas esperanças aumentando.

– Vá para a casa!

O coração de Billy ficou desapontado.

– Mas... Pai...

O “pai” era o doutor Michael Stone, de 46 anos. No passado, um arqueólogo mundialmente famoso, mas, agora, Stone era motivo de piada no mundo da Arqueologia. Sua pesquisa para encontrar o medalhão real perdido, um artefato que muitos pesquisadores sequer acreditam ter existido, havia-se tornado uma obsessão, arruinando, em primeiro lugar, sua carreira e, depois, sua família. Seu belo rosto de outrora, agora, estava envelhecido e enrugado; o cabelo castanho tinha muitas partes grisalhas. Fitando seu filho rebelde, ele franziu a testa.

– Mas, pai... Não tem ninguém lá. – conclui Billy com tristeza.

Pegando-o pelo braço, doutor Stone o levou de volta ao portão principal.

– Vá para casa, Billy! – insistiu, empurrando-o para fora e trancando o portão antes de sair andando.

Billy ficou olhando fixamente para seu pai antes de pegar sua bicicleta. Ao chutar uma pedra, ele a arremessou tão forte, que ela foi parar do outro lado da estrada. A última coisa que desejava era ir para casa.

Quando a mãe de Billy, Kale’a, era viva, seu lar era um lugar maravilhoso para se estar. A casa estava sempre repleta de música e cantoria, e cheiros deliciosos vinham do forno. Porém, com a morte

dela, o “lar” não passava de uma casa vazia cheia de lembranças dolorosas.

Enquanto caminhava, cabisbaixo, Billy quase trombou com dois homens que estavam pregando papéis na cerca do local da escavação. O garoto logo reconheceu se tratar dos capangas de Cobb.

Cobb era o mais poderoso, e o mais perverso, homem da ilha Aumakua. Apesar de intencionar ser um respeitável empresário, na realidade, não passava de um matador. Um criminoso com muito dinheiro; ele possuía praticamente a ilha inteira. Poucas pessoas estavam dispostas a cruzar com aquele sujeito.

Um de seus homens chamava-se Kalani. Ele era magro, tinha olhos pretos e cabelos ondulados, que cobriam seu coro cabeludo e modelavam seus olhos desonestos. Ele era conhecido por ser extremamente inteligente, diferente de seu parceiro, Makala.

Makala era bem grande e forte e tinha uma barba grosseira. Era o oposto de Kalani em todos os sentidos... Exceto pela crueldade. Ambos tinham a tatuagem de uma cobra vermelha no braço direito, o que os credenciava como comparsas de Cobb.

Kalani olhou para Billy.

– Você sabe... – disse com voz doce e repugnante.

– Poderíamos usar um arqueólogo como você em nossa equipe. Cobb aprecia seus talentos, enquanto alguns outros... – disse ele, apontando com a cabeça

em direção ao local da escavação, onde estava o pai de Billy. – Não.

Billy ignorou o comentário; seus olhos observavam os papéis que eles tinham pregado. Ao ver a frase **execução de hipoteca** em letras pretas e grandes, Billy ficou furioso. Passando rápido por Makala, arrancou os papéis da cerca.

Makala o agarrou pelos braços e o segurou.

– Você está brincando comigo? – disse, dando uma bela chacoalhada em Billy. – Devolva-me isso. – esbravejou, apanhando os papéis de volta.

Então, empurrando Billy em direção à bicicleta, gritou:

– Caia fora, moleque mal-educado!

O garoto olhou com desprezo para os homens, pulou sobre a bicicleta e, irritado, saiu pedalando. Disparando pelo terreno, que mais parecia uma selva, ele atravessou córregos e saltou pequenos morros. Seus pneus cantaram alto quando ele chegou à estrada pavimentada e seguiu em direção à cidade.

Kalani e Makala terminaram de pregar os avisos e, depois, entraram e se sentaram nos bancos da frente de um sedan preto e polido.

– O que acha, Sr. Cobb? – perguntou Makala, enquanto ambos se viravam para olhar o homem sentado entre as sombras do banco de trás.

Cobb olhou para eles com indiferença. Seu cabelo preto e alisado estava esticado, impecável, amarrado como um rabo-de-cavalo. Tudo nele, desde os olhos frios

e pretos até o seu caríssimo terno, sugeriam crueldade. Era algo que tinha herdado de seu antepassado, o Cobra.

Cobb respondeu:

– Nossas famílias estão em busca do medalhão há gerações. Esse pirralho pode descobrir algo útil. Fiquem de olho nele.

– Não se preocupe! – tranquilizou-o Kalani. – Descendemos de uma grande geração de perseguidores.